



CONSTELAÇÕES SÍGNICAS DE MIRÓ

Rodrigo da Costa Araujo

MIRÓ, Joan P.; LOLIVIER-RAHOLA, Gloria. *Miró: pintor das estrelas*. Rio de Janeiro: Objetiva. 2010.

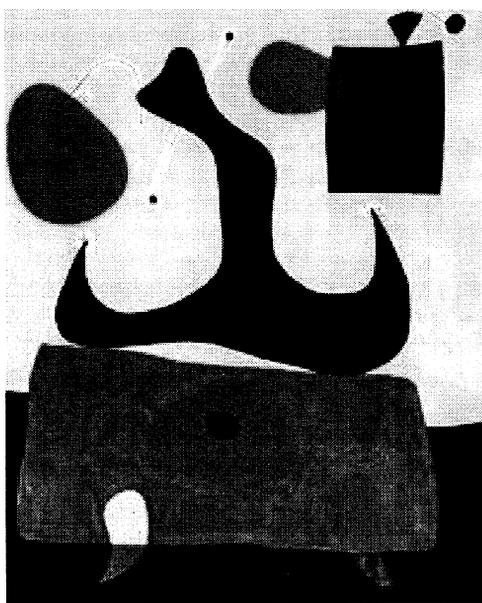
Joan Miró [1893-1983], tal como Paul Klee [1879-1940] inventa uma linguagem abstrata-concreta-poética onde os signos deixam transparecer certa filiação com o real e com a vocação mágica, lúdica. Desse mundo móvel, as formas engendram-se, transformando-se e propiciando estranhamentos e provocações no espectador. Suas combinações, cores, texturas inauguram posições visuais, criando, assim, a realidade absurda de um universo de signos e de símbolos em que as figuras passam de um reino a outro, de uma forma à outra explorando a criatividade e o inesperado. Essas são, dentre inúmeras, as sensações iniciais que o livrinho *Miró: o pintor das estrelas* [2010], de Joan Punyet Miró e Gloria Lolivier-Rahola causa.

O livro é dividido em cinco capítulos intitolados: I. “Uma infância mediterrânea”; II. “Toda a minha formação se dá em Paris”; III. “A Guerra e o medo”; IV. “Além da pintura” e, por último, o Capítulo V: “Um catalão universal”. Extremamente ilustrada, a obra expõe nas telas de Miró a combinatória infinita de imbricações possíveis, das transformações do inanimado em animado, da figura humana que assume o modelo e o lugar geométrico das metamorfoses. Combinatória semiótica de signos e formas emblemáticas, alfabeto total e cósmico, as cores apresentam-se

como poesias para o olhar, propõem um mundo lúdico e em movimento.

O sol, os bichos, as planas, as flores, a lua, os objetos simples do cotidiano fornecem ao pintor-poeta a matéria prima e poesia dos seus sonhos, sobre a qual explora a fantasia de seus gestos. O seu mundo é construído a partir de justaposições de imagens, de traços fugidios de grafismos por vezes hesitantes e frágeis como os das crianças, carregados do seu desconhecimento e da sabedoria da natureza. É dessas aparentemente livres associações e interrelações que surgem o sentido e a delicadeza.

Na capa, paratexto instigante e tela do próprio pintor - *Mulher Sentada I* [1932] - as figuras perdem os seus contornos para assumirem o universo da incerteza, mas, também, a sensação de uma alegria contagiante, de uma suspeita, que, no entanto, se esconde no bailado da linha orquestrada pela cor, ora exuberante, ora sombria ao fundo no espaço com algum clarão à direita. Estas figuras flutuantes da capa do livro (a cabeça, o tronco, a lua, a boca e outros membros) aparecem em muitas outras telas sugerindo metáforas e leituras sempre plurais.

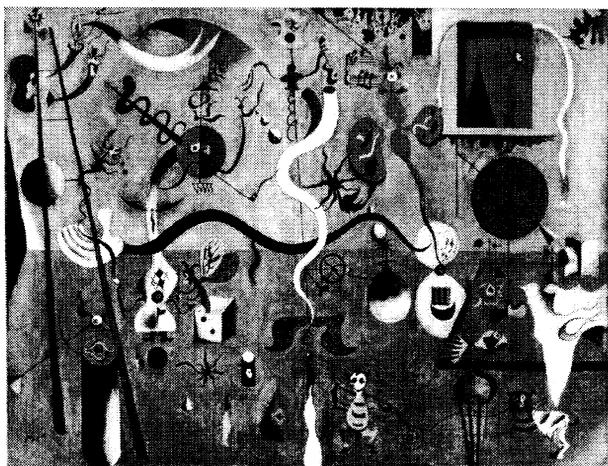


Tela *Mulheres Sentadas II*, Miró (2010, p. 63).

Nascido em Barcelona a 20 de abril de 1893, numa família de artesãos, Miró exaltar, intertextualmente, marcas de tradições formais, clima cultural e paisagens envolventes de sua infância que combinam esquemas estruturais provenientes de várias estéticas modernas. Dessas origens, também nascem o gosto das cores claras do fauvismo e do arabesco matisseano associados à arte popular catalã na riqueza cromática,

bem como dos ritmos ondulantes das danças folclóricas ou das espirais do barroquismo visionário, patenteado na arquitetura de Gaudí que igualmente marcariam o caráter panteístico e delirante de muitos dos seus quadros e esculturas.

Como nas telas *Mulheres sentadas II* e *Carnaval de Arlequim*, a pintura mironiana traduz o frescor infantil que envolve qualquer apreciador de arte pelo traço fino e pelo pincel apurado, como, também, pelo envolvimento despojado, mas ao mesmo tempo elegante e sutil. Essa sutileza e elegância, entretanto, são também deselegantes e, algumas, vezes grotescas, mas há, contudo, certo tipo de charme burlesco nessas contradições - uma quase brincadeira com a irregularidade, ou, com a realidade espontaneamente criada. O artista-poeta é o pintor da espontaneidade, do sonho, da surpresa e, por isso mesmo, da vivacidade e da leveza.



Tela *Carnaval de Arlequim*, Miró. (2010, p. 41).

Parece ser uma tendência de suas telas elaborarem relações de cores, especialmente as chamadas “quentes”. Imbricadas, elas produzem um resultado que, diante do olhar, é irresistível e mirabolante. Fica sempre no ar a relação especial entre o olhar e a cor, e Miró soube, como poucos pintores, explorar esse aspecto no pincel. Para ele não importa a especificidade da cor, mas a relação que se estabelece nesse jogo com os elementos circunscritos. Nesse sentido, essa trama delicada de cores traduz o que podemos chamar de colorido, no sentido mais vigorosamente lírico do termo e do gesto.

Além das cores resultarem o frescor infantil e saboroso à experiência visual, o que torna sua obra quase sinestésica é a trama envolvente dos

signos. Essas cores, na maioria das vezes, surgem desenvolvidas pelos traços delicados, formas que representam elementos típicos de um universo ao mesmo tempo ínfimo e espetacular - e quase sempre aéreo, dançante, deslocado, suspenso. Por isso, o ar é sem dúvida o chão poético e cenário de suas formas. Seu cromatismo e geometria surreais representam, espontaneamente, ações de um sujeito que, paradoxalmente, sonha acordado. Além disso, o jogo lírico com que Miró constroi suas cores e formas ondulantes lembram-nos imediatamente a poética do brasileiro Manoel de Barros que concebe uma disposição signica propositadamente irregular com a sintaxe e significação.

Enfim, com *Miró: o pintor das estrelas* [*Miró: Le peintre aux étoiles*] reforça-se o caráter incompleto ou inacabado da poética do pintor catalão. Esse inacabamento nasce como matriz/metáfora inspiradora, feito experiência do gesto ou de possibilidades. Confirma-se que, como nas palavras do próprio pintor que a obra é o gérmen de outras práticas artísticas, por isso permanece necessariamente inacabada. A capacidade geradora da arte é o significado mesmo da sua incompletude.